

## O Diabo: ser de papel e Tinta!

Prof. Dra. Salma Ferraz<sup>1</sup> (UFSC)

...

### Resumo:

*No presente artigo pretendemos dar uma visão geral das obras nas quais o Diabo aparece como protagonista.*

**Palavras-chave:** Literatura Comparada, Teopoética, Diabo, ficção, prosa.

### 1 Da serpente do Gênesis ao Dragão do Apocalipse

Ele já foi representado, no **Primeiro Testamento**, como **serpente enganadora** que tentou nossa pobre mãe Eva (Gênesis), **Bode Expiatório** enviado ao deserto para morrer (Levítico), **Espírito Mentiroso** enviado por Deus, para falar através da boca dos profetas do Rei de Israel, Acabe, e assim enganá-lo e conduzi-lo à morte (Reis), trabalhando sob o comando e a serviço de Deus (Jó), aplicando ao justo aquilo que já foi chamado de **teologia de sofrimento**.

Segundo o profeta Isaías, ele foi a soberba **Estrela da Manhã** que subiu tão alto aos céus e na queda precipitou-se no abismo; na visão de Ezequiel, formoso e orgulhoso **querubim da guarda ungido**, perfeito em todos os caminhos até ser nele encontrado iniquidade. Ele pouco aparece, já que, nos livros dos Hebreus, o bem e o mal praticamente procedem exclusivamente de Jeová. Estamos falando de Lúcifer, Satanás, o calcanhar de Aquiles de Deus!

No **Segundo Testamento**, ele entra triunfalmente pela pena do Evangelista Mateus como um tentador meio ingênuo no episódio da tentação de Jesus no deserto. Na medida em que se desenvolvem os **Evangelhos** – que são tentativas biográficas da vida do profeta Nazareno Jesus –, sua fama aumenta a cada página do Livro dos cristãos. Os demônios que possuíram os endemoniados de Gadara talvez possam ser denominados como os primeiros genuinamente cristãos, uma vez que foram eles quem primeiro reconheceram Jesus como Filho de Deus: “Que temos nós contigo, ó filho de Deus!.” (Mt 8: 29). Jesus, por sinal, dialoga com eles aceitando sua sugestão de expeli-los para uma manada de porcos.

O exorcista Jesus foi acusado pelos fariseus de estar endemoniado, de expulsar demônios pelos poderes de Belzebu. E o próprio exorcista afirmou, nas páginas do **Evangelho de João**, que, de fato, havia um **príncipe do mundo** e, aos fariseus:

**Vós sois do Diabo, que é vosso pai**, e quereis satisfazer-lhes os desejos. **Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade**. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, **porque é mentiroso e pai da mentira**. (Jo 8:44, negrito nosso)

O taumaturgo Jesus esqueceu-se das palavras de Jeová, seu pai, em I Reis 22:21:

Perguntou o Senhor: Quem enganará a Acabe, para que suba em Ramote-Gileade? [...]. Então, saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o enganarei. Perguntou o Senhor: com quê? Respondeu ele: Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. Disse o Senhor: **Tu o enganarás e ainda prevalecerás; sai e faze-o assim**.

Neste episódio, **Jeová, o Pai da Verdade**, compactua e autoriza o **Pai da Mentira** a agir segundos os propósitos deste, pois efetivamente os profetas mentem. Enfim, Acabe é morto em batalha e os caem lambem seu sangue.

Pedro, futuro Pai da Igreja, foi possuído por Satanás, assim como Judas agiu sobre influência deste, o que inocentaria o zelota da culpa milenarmente atribuída a ele. Nas páginas de **Atos dos Apóstolos**, o exorcismo se vulgariza tanto que os demônios se revoltam e não aceitam ser expulsos por qualquer um. Em Éfeso, havia sete exorcistas ambulantes, filhos de Ceva, sumo sacerdote, que

tentavam expulsar espíritos malignos de possesores. O episódio cômico está relatado em Atos 19:15-16:

Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega. [...]. **Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós quem sois? E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a todos**, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa.

Jesus, seus discípulos e Paulo expulsaram demônios. Mas haviam terceirizado o ritual: os filhos de Ceva queriam expulsar o demônio numa espécie de exorcismo em terceiro grau, em nome de Jesus, a quem Paulo pregava e de quem eles conheciam **por falar**. O demônio deve ter cogitado: **Estão pensando que é expulsar demônio é brincadeira!** O demônio deu uma surra nos sete filhos de Ceva, a notícia se espalhou e mais uma vez os demônios colaboraram para que o nome do Senhor fosse engrandecido. O resultado foi a queima, numa fogueira, de livros de artes mágicas. Que lástima!

E, aliás, foi somente no final do primeiro século do Cristianismo que a conexão serpente-Lúcifer foi estabelecida. O autor foi João, em seu Apocalipse 12:7-9:

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos. Todavia não prevaleceram; nem se achou no céu lugar deles. E foi expulso o **grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo**, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. (negrito nosso)

Quanto ao Diabo na Teologia Católica e Protestante, é grande a tentação de fazer uma rápida exegese, que se revelaria incompleta, já que desde Santo Agostinho o assunto está em pauta. Esse Bispo de Hipona (354-420) e sua preocupação com a origem do mal leva a crer que este mundo é reino de Satanás, que o Diabo era um anjo perfeito, mas que recusou a graça e virou as costas para o bem. Assim também o creram os Pais da Igreja e até Martinho Lutero (1483-1546) deteve-se no assunto. Em seus diálogos com o inimigo, suas tentativas de autoexcomunhão, o Diabo sempre foi objeto de escrutínio numa área que deveria estudar Deus. Exorcizemos esta nossa vontade de falar do Diabo na Teologia e passemos ao diabo nos teóricos.

## 2 O Diabo entre os teóricos

Nunca se escreveu, pensou-se ou publicou-se tanto sobre o Diabo. Cabe aqui atentar para o título completo da obra de Albert Cousté: a **Biografia do Diabo – O Diabo como a sombra de Deus na História**. Há uma tendência em tentar escrever biografias sobre o Diabo, mas o que nos interessa, já no título, é que o Diabo sempre se manifestou como uma sombra grande e bem proveitosa para Deus no decorrer da História do Ocidente. Jack Miles em **Deus, uma Biografia**, afirmava que Deus faz parte da civilização Ocidental, está no DNA da Civilização do Ocidente. Poderíamos dizer que o Diabo, em termos de teologia cristã, mitologia, arquétipo, também está visceralmente engendrado neste DNA, juntamente com Deus. Voltando à Cousté, ele afirma, entre outras coisas, que não se pode fechar os olhos à sacralidade do Diabo, pois ele faz parte do sagrado, é uma invenção tipicamente cristã, sendo um dos principais atores do drama humano.

Cousté afirma que o Diabo é a “mais alta potência da criação, que o diabo é **a dor de Deus** e que tem nostalgia do céu.” ( 1996, p. 20-22, negrito nosso). O crítico cita Máximo Gorski, que afirma que o Diabo não existe, é uma invenção da raça humana maligna que o inventou para justificar suas torpezas. Disseca o Diabo em sua obra em todos os seus aspectos. Termina seu livro afirmando que o Diabo sobreviveu até à Reforma Protestante e chegou até nossos dias por ser principalmente um monoteísta: acredita em Deus, não é ateu. Afirma que o Diabo significa que o homem está sozinho, desde o começo dos tempos, já que o Diabo não existe porque Deus não existe e, como o homem sabe que vai morrer, apega-se a Deus e ao Diabo. Termina dizendo que a grande

e magnífica obra de Satanás é converte-se num personagem literário de ficção. Convence a todos que não existe. A nós ele já convenceu há tempos!

Luther Link, em **O Diabo, a máscara sem rosto**, afirma que cada época compõe o rosto do Diabo de uma forma, pois esta máscara aceita diversos rostos. Aponta para a confusão entre os nomes Lúcifer, Satã e Diabo. Destaca que, no **Velho Testamento**, Satanás não é importante, mas apenas cúmplice de Deus. Um intruso criado pela Igreja que não conseguiu nem quis livrar-se dele. Cita Espinosa para quem “O Diabo é usado por Deus, trabalha para Deus e, em certo sentido, não está em conflito com ele.” (LINK, 1995, p. 20)

Link afirma que o Diabo foi criado perfeito, ele não se autocriou, foi criado por Deus. Afirma também que se Lúcifer cometeu o pecado do orgulho, o pecado era anterior a ele; se Deus criou o Diabo, o dualismo se desintegra, a oposição bem *versus* mal passa a ser inexistente. Seguindo as ideias de Link, podemos ampliar suas e nossas dúvidas. Se Lúcifer era uma anjo perfeito não poderia pecar e se pecou não era perfeito! Como sair deste teorema paradoxal? Link também aponta a insignificância absoluta de Satanás no *Velho Testamento*. Abaixo uma das importantes afirmações do crítico:

O Diabo não é meramente uma criação literária. Ele é real, faz parte da realidade da civilização ocidental. **Talvez o motivo de o Diabo despertar nosso interesse resida no fato de definir Deus tão seguramente quanto Deus o define. Graças a Deus pelo Diabo.** (LINK, 1995, p. 22, negrito nosso)

Termina sua obra afirmando que o Diabo não tem rosto porque sempre será o outro, o diferente, o oponente:

O Diabo é uma extraordinária mistura de confusões. Satã é uma criatura da teologia, da ideologia e política praticas e de tradições pictóricas estranhamente ligadas. O soberano do Inferno, o anjo rebelde, a contrapartida de Miguel na pesagem das almas (...). Sem uma iconografia fixa, o Diabo pode ser Godzilla, um Pã desvirtuado, uma peste peluda com ou sem asas, com ou sem chifres, com ou sem cascos fendidos, feroz ou cômico. Uma vez que o Diabo poderia ser tanto um micróbio quando um anjo caído, como poderia ter um rosto. **Não poderia, pois não era um caráter, era apenas uma abstração.** (LINK, 1995, p. 193, negrito nosso)

Já Gerald Messadié, em sua **História Geral do Diabo**, faz um apanhado minucioso da existência do Diabo em culturas como a indiana, a chinesa, a japonesa, a celta, a grega, a romana, a egípcia, a africana, a americana, etc. Interessa-nos em especial suas colocações sobre o Diabo na cultura israelita e cristã. O estudioso aponta o Diabo como sendo usado em todas as culturas e todos os tempos de forma política e que, desde o seu nascimento, o cristianismo governou muito bem a existência do Diabo. Para ele, a grande verdade é que o Diabo nasceu junto com o **Novo Testamento**. Questiona o Diabo como inventor do mal: já que o anjo perfeito caiu, então o mal é anterior a existência dele. Informa que os gregos e romanos passavam muito bem sem o Diabo, mas que o cristianismo precisava de um ser simétrico a Deus para atribuir-lhe os males da humanidade.

Segundo o crítico, o Diabo é um recurso usado pelos intelectualmente mais fracos, causador de tantas crenças, tantos medos e tantas desgraças, tantas idiotices, presença **escandalosamente ausente**, um **fantasma coletivo** do ocidente, objeto exclusivo das mentes humanas no qual depositamos as peripécias de nossas loucuras. Para Messadié, a única besta do universo é o homem e Lúcifer é uma ficção insensata, nefasta, ridícula e obscena. Lúcifer seria é precursor do Diabo; o Diabo, o precursor de Fausto. O Diabo incomoda a Igreja, já que defende o pão sem o suor e o prazer sem filhos. A Igreja condena a pílula e a camisinha porque condena o prazer, porém o homem não vive sem prazer. O prazer é uma injúria para a Igreja, por isto ela criou a imagem de Satanás como um ser lúbrico, defensor de orgias sexuais. Termina sua obra afirmando que a crença no Diabo serve para disfarçar as tendências mais bestiais do ser humano e perguntando se o ocidente conseguiria viver sem a noção do mal.

Em **Uma história do Diabo**, Robert Muchembled estuda a biografia do Diabo concentrando-se entre os séculos XII e XX já que, segundo o autor, no primeiro milênio cristão, o Diabo teria se

mantido discretamente e seu apogeu teria se dado no final da Idade Média. Reafirma a posição de outros teóricos de ser o Diabo a sombra negra e enigmática do ser, que o Cristianismo precisava de outra face, pois não há medalha sem reverso. Sendo o Diabo personagem de sucesso milenar, não pode ser desprezado pela academia, já que sua tradição (na oralidade, nos gibis, nos folhetins, nos cinemas, na publicidade, na literatura, enfim, na história humana, é milenar). A própria literatura fantástica não poderia ser concebida sem o mal e o Diabo. Afirma que a construção de Lúcifer foi uma construção teológica e revela um paradoxo nas ideias de Santo Agostinho:

Santo Agostinho transformou de maneira sutil esta visão do combate cósmico, afirmando que Deus permitiu o Mal para dele extrair o Bem. **Sob esta óptica, o pecado faz parte da estrutura do universo, uma estrutura benigna para quem tem a graça.** O Bispo de Hipona reinterpreta, assim, o mito cósmico da queda de Satã, como um elemento da ‘conspiração divina’, destinada a levar à redenção. Em outros termos, o inimigo de Deus foi transformado em meio de conversão. (MUCHEMBLED, 2001, p. 20, negrito nosso)

### 3 A salvação do Diabo

O italiano Giovanni Papini publica sua polêmica obra **O Diabo: apontamentos para uma futura Diabologia** em 1953. O interessante do livro, além de suas ideias polêmicas e que causaram muitas controvérsias, foi o primeiro livro sobre o Diabo escrito por um cristão. Resumimos suas principais, sensatas e mais polêmicas ideias e questionamentos, a maioria deles sem resposta até agora: 1) os teólogos nunca souberam sequer sondar corretamente a essência do Diabo; 2) o cristão deve amar não a rebeldia e o pecado de Satã, mas o Arcanjo que foi um dia o mais próximo de Deus, porque somente o amor dos cristãos pode ajudar Satã a salvar-se; 3) se os cristãos orarem por Satanás estarão orando pela sua própria salvação; 4) Cristo talvez queria que o homem se libertasse da escravidão do demônio para poder libertar o demônio de sua escravidão; 5) porque a história cristã, que já teve tantas tragédias, teria que terminar necessariamente em tragédia? 6) porque Deus, que é amor, não reconduz Lúcifer ao seu posto celeste? 7) porque Jesus morreu na cruz para libertar os homens e, no entanto, os homens continuam sendo escravos do Diabo? 8) por que a Igreja prega, a despeito da vitória de Cristo na cruz e do batismo para a salvação, que a terra é o reino de Satanás e que os homens são escravos deste? 9) difere a Demonologia como estudos dos demônios, comparsas e subalternos do Diabo e a Diabologia como estudo do terrível protagonista que Deus precipitou do Céu sobre a terra; 10) a restrita visão dos cristãos tem apenas duas hipóteses de vida: hipótese Deus x hipótese Diabo, o eterno amor x o eterno ódio; 10) Lúcifer ousou emparelhar-se com Deus, medir-se com Jeová ou por orgulho de sua beleza, ou por inveja de Deus, ou por inveja de Cristo, ou por querer ser Cristo e aspirar à encarnação, ou ainda por inveja do projeto da criação do homem; 11) a batalha do Apocalipse não se justifica, o exército celestial era imenso, por que Deus não expulsou pessoalmente o Diabo, mas enviou o Arcanjo São Miguel para realizar a tarefa? 12) o que o Diabo estava fazendo no Céu em Jó, se havia sido expulso?

Na realidade, Papini compõe uma verdadeira **Suma Diabológica**. O título pode ser uma paródia da **Suma Teológica**, de São Tomás de Aquino, mas a profundidade de suas reflexões são espantosas.

Cabe citar uma de suas lúcidas assertivas:

Deus, autor do Universo, criou um mundo no qual o pecado é possível, o mal é possível, a perdição é possível. Se não tivesse havido no Mundo a possibilidade (melhor, a facilidade) do mal, a liberdade angélica e a humana teriam podido sempre escolher livremente, entre várias ordens de bens, de obras boas, de ações justas. Lúcifer não criou o Mundo, nem se criou a si mesmo, **e não é pois culpa sua se a ordem do Mundo – estabelecida por Deus – permite e tolera o pecado: não é culpa sua se a mesma superioridade a ele outorgada o predispõe e o inclina, como afirma S. Tomás, ao pecado da soberba.** Se Deus é o autor e legislador de tudo, se nada é possível e pensável fora de Sua vontade e da Sua lei, seríamos tentados a concluir que ele tem uma parte de responsabilidade no que

sucede à suas criaturas. Criou-as naquele mesmo modo, colocou-as numa realidade criada por ele, onde tudo é possível; **e daí vem que todas as coisas, por admiráveis ou terríveis, têm n'Ele causa e princípio.** (PAPINI, 1954, p. 57, grifo nosso)

Para Papini, a queda de Satã, **o resumo de todas as criaturas**, é a dor de Deus e a história do Cristianismo é uma sucessão de tragédias. A partir da queda de Satã, Deus está em agonia desde o princípio, Jesus também está em agonia até o final dos tempos. O anjo caiu, o homem caiu, Jesus encarnou naquilo que pode ser considerada a fase mais espetacular da dor divina. A vida de Deus, Jesus e o homem, do ponto de vista cristão, é trágica. Se o Diabo não pode amar, Deus não pode odiar, nem mesmo ao Diabo. Deus é amor, condenou Lúcifer, mas não pode odiá-lo, pois o ódio é o oposto a essência do amor que Deus representa. Quem mais do que Lúcifer merece o perdão de Deus? Talvez Deus tenha criado o homem na expectativa de que este ajudasse a redimir Satã. O holocausto de Jesus na Cruz não modificou muito coisa no mundo.

**Eis a dupla razão da dor de Deus**, da infinita Dor de Deus. Os céus narram a Sua Glória, mas o universo espiritual narra Sua desventura. [...] O gigante celestial abismou-se, o imperador terrestre feriu-se e envileceu. (PAPINI, 1954, p. 68, negrito nosso)

Um dos seus questionamentos é que se Lúcifer era o mais amado quando era Anjo predileto de Deus, não deveria Deus amá-lo e perdoá-lo agora que ele é a criatura mais infeliz entre os infelizes? Para ele, o Diabo não é ateu. Somente a Deus, porque é Deus, é permitido ser ateu.

#### 4 O Diabo: ser de papel e de tinta na Literatura

Vários capítulos de livros já foram escritos sobre o Diabo na Literatura. Falta ainda um livro, ou melhor, um compêndio que abranja a riqueza deste personagem enquanto ser de papel e tinta. Na Literatura Ocidental, citemos as principais obras, fugindo da tentação de resumi-las. **A Divina Comédia** (1304-1321), do italiano Dante Alighieri, aliás, poderia ser nomeada Diabólica Comédia, principalmente **O Inferno**; **Fausto** (1887), do alemão Goethe; **O Paraíso Perdido** (1674), do inglês John Milton; **A Conversão do Diabo**, do russo Leonid Andreiev (1871-1919); e **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** (1991), do português José Saramago.

Na Literatura Portuguesa, poderíamos mencionar alguns clássicos: **O Auto da Barca do Inferno** (1517), de Gil Vicente; **O Senhor Diabo** (1867), de Eça de Queiroz; **A hora do Diabo**, de Fernando Pessoa.

Na Literatura Brasileira, sua presença é garantida em muitos **Sermões** do Padre Vieira (1608-1697); em **Macário** (1852), de Álvares de Azevedo; em toda a obra de Machado de Assis, especialmente em dois magníficos contos **A Igreja do Diabo** (1884) e **O Sermão do Diabo** (1893); em **O Auto da Compadecida** (1955), de Ariano Suassuna; e em **Grande Sertão: Veredas** (1956) de Guimarães Rosa.

Na literatura brasileira contemporânea, entre centenas, podemos mencionar **Eu e Bebu na Hora Neutra da Madrugada**, de Rubem Braga; **Alma, Vendo e Belzebu.com**, de Luis Fernando Veríssimo; **Nostalgia do Amor Ausente**, de Walmor Santos; **Vendi a Alma**, de Carlos Heitor Cony.

Sem entrar na antiga querela do que é ou não é **literatura infantil ou juvenil**, poderíamos mencionar centenas e mais centenas de contos lidos por adultos e crianças do mundo todo, em épocas diferentes, que tem como protagonista o Diabo. Citemos alguns de nossa preferência. Entre os clássicos: **Os três fios de ouro do cabelo do Diabo**, dos Irmãos Grimm; **O moinho do Diabo**, de Hans Christian Andersen; o conto francês **A criança vendida ao Diabo**; o conto irlandês **Carvões para a Lareira do Diabo**; **O Diabo no campanário**, de Edgar Allan Poe; **O Alquidiabo Belfegor**, de Machiavel; **A sombra**, também de Anderson; **O Diabo na garrafa**, de Robert Louis Stevenson.

No folclore, destacamos, entre centenas: **Roberto do Diabo**, **O sócio do Diabo**, **O compadre da Morte**, **A noiva do Diabo**, **Tereza Bicuda**, **A quase morte do Zé malandro**, **A barba do**

### Diabo.

No Brasil, **O diabo na noite de Natal**, de Osman Lins; **O bom Diabo**, de Monteiro Lobato; **O Diabo loiro**; e **De morte!**, de Ângela Lago.

Se a última grande obra de Lúcifer é transformar-se em mero ser de papel, *Consummatum est. Imprimatur!*

*Nomodiabopadrofilhospritossantamêin!*

### Referências Bibliográficas

- 1] BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e corr. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil.
- 2] COUSTÉ, Alberto. **Biografia do diabo**. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record, 1996. (Coleção Rosa dos Tempos).
- 3] LINK, Luther. **O Diabo**: a máscara sem rosto. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- 4] MILES, Jack. **Deus**: uma biografia. Trad. José Rubens Siqueira. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- 5] MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do Diabo**: século XII-XX. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- 6] PAPINI, Giovanni. **O Diabo**. Trad. Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

---

### iAutor(es)

É Professora Associada de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atua na Pós-Graduação com a linha de Pesquisa em Teopoética - Os Estudos Comparados entre Teologia e Literatura. Membro da Associação Latino Americana de Literatura e Teologia (ALALITE), líder do Núcleo de Estudos Comparados entre Teologia e Literatura (NUTEL), sediado na UFSC. É autora de diversos livros de teoria e ficção. E-mail: salmaferraz@gmail.com.